Qualis A1
Arte | Educação | Filosofia | História |
Interdisciplinar | Linguística | Literatura

V. 64, N. 64 (2025)
ISSN 2319-0868

PERFORMATIVIDADES NA HABITAÇÃO: O CORPO E AS NOVAS CONFIGURAÇÕES PARA A ARQUITETURA

PERFORMATIVITIES IN HOUSING: THE BODY AND NEW CONFIGURATIONS FOR ARCHITECTURE

PERFORMATIVIDADES EN LA VIVIENDA: EL CUERPO Y NUEVAS CONFIGURACIONES PARA LA ARQUITECTURA

Amanda de Oliveira Soriano
Universidade Federal Fluminense - UFF, Niterói/RJ, Brasil

Resumo

O presente trabalho propõe trazer à tona o debate sobre as performatividades individuais e coletivas nos interiores de habitações, a partir dos gestos que compõem o cotidiano. Neste estudo, descrevo noções de performance, corpo e arquitetura dentro de novos paradigmas sociais, principalmente após a pandemia de Covid-19 a fim de tecer as análises sobre o cotidiano e os modos de habitar no tempo presente. A pesquisa questiona se a pandemia apresentou à sociedade uma nova relação com os interiores — sobretudo das habitações —, a partir de uma nova relação estabelecida com a cidade diante de um cenário de crise sanitária. Defende, contudo, que este cenário está em consonância com a produção capitalista contemporânea, a partir de uma lógica de vigilância, e por isso, poderá instaurar novas configurações para longo prazo nas habitações de uma cidade metropolitana.

Palavras-chave: Performatividade; Habitação; Pandemia.

Abstract

This research proposes to bring to light the debate on individual and collective performativities within the interiors of Rio de Janeiro's housing based on the gestures that make up everyday life. In this study, I describe notions of performance, body and architecture within new social paradigms, especially after the Covid-19 pandemic in order to analyze everyday life and ways of living in the present time. The research questions whether the pandemic presented society with a new relationship with interiors — especially housing —, based on a new relationship established with the city in the face of a health crisis scenario. It argues, however, that this scenario is in line with contemporary capitalist

DE OLIVEIRA SORIANO, Amanda. PERFORMATIVIDADES NA HABITAÇÃO: O CORPO E AS NOVAS CONFIGURAÇÕES PARA A ARQUITETURA. **Revista da FUNDARTE**. Montenegro, V. 64, N. 64, p. 1-25, Junho, 2025.
Disponível em: https://seer.fundarte.rs.gov.br

REVISTA DA FUNDARTE

V. 64, N. 64 (2025)
ISSN 2319-0868

production, based on a logic of surveillance, and therefore, could introduce new long-term configurations in the housing of a metropolitan city.

Keywords: Performative; Housing; Pandemic.

Resumen

Este trabajo pretende visibilizar el debate sobre las performatividades individuales y colectivas en los interiores de las viviendas, a partir de los gestos que componen la vida cotidiana. En este estudio describo nociones de performance, cuerpo y arquitectura dentro de nuevos paradigmas sociales, especialmente después de la pandemia de Covid-19, con el fin de tejer análisis de la vida cotidiana y las formas de habitar en el tiempo presente. La investigación se pregunta si la pandemia ha planteado a la sociedad una nueva relación con los interiores —especialmente la vivienda—, a partir de una nueva relación que se establece con la ciudad ante un escenario de crisis sanitaria. Sostiene, sin embargo, que este escenario está en línea con la producción capitalista contemporánea, basada en una lógica de vigilancia, y por tanto, podría establecer nuevas configuraciones de largo plazo en los hogares de una ciudad metropolitana.

Palabras clave: Performatividad; Alojamiento; Pandemia.

INTRODUÇÃO

Quando trato sobre a habitação como *locus* de uma performatividade do cotidiano, busco me referir a uma habitação contemporânea e, sobretudo, uma habitação permeada pela informação. E, para chegar nessa habitação contemporânea, apresento brevemente o que, de fato, é uma habitação: esse lugar de afeto. Traço, neste estudo, um caminho entre os primeiros significados da casa, até os mais atuais, evidenciando os sistemas de informação e as novas tecnologias como importantes transformadores deste espaço.

O significado da casa hoje é maior que um espaço para exercer as necessidades básicas, segundo Smith e Anderson (2015), para quem a casa é lugar de identidade, conforto e segurança. Em *The Meaning of Home: literature review and directions for future research and theoretical development,* publicado na

V. 64, N. 64 (2025)
ISSN 2319-0868

revista Journal of Architectural and Planning Research, os autores dissecam a casa em diferentes significados.

Em um desses significados, a casa pode ser compreendida como um local de segurança e controle (SMITH; ANDERSON, 2015). É nesse espaço que nos sentimos protegidos do mundo exterior, onde podemos exercer controle sobre nosso ambiente e nos refugiar em momentos de vulnerabilidade. Se as primeiras casas foram construídas para fixação do humano nômade em busca de nutrição e reprodução (MUMFORD, 1998), em torno delas surge o princípio de cidade, com a aglomeração de casas e trocas de suprimentos entre seres. A cidade, então, atua como um dispositivo para armazenar e transmitir os bens, concentrando facilidades e abrigando necessidades (MUMFORD, 1998).

Zuboff, em seu livro *A era do capitalismo de vigilância: a luta por um futuro humano na nova fronteira do poder* (2020), defende que este espaço de refúgio é uma necessidade humana e, apesar disso, sua existência está sendo ameaçada pelo surgimento do capitalismo de vigilância, onde vão se acabando todos os espaços íntimos:

> Considero as implicações desse desenrolar de acontecimentos em relação a um segundo direito elementar: o direito de santuário. A necessidade humana de um espaço de refúgio inviolável tem persistido em sociedades civilizadas desde os tempos antigos, mas agora está sob ataque na medida em que o capital de vigilância cria um mundo “sem saída” com profundas implicações para o futuro humano nesta nova fronteira de poder. (ZUBOFF, 2020, p. 33).

Utilizando-se da obra de Bachelard (2008), Zuboff (2020) traz à discussão o conceito de topoanálise, que se define por ser o estudo das relações entre mundo, o sujeito e as suas experiências no espaço. Nesse sentido, o lar aparece como o primeiro e principal espaço responsável por dar sentido à experiência, é nele que criamos a compreensão de “[...] dentro e fora, concreto e abstrato, ser e não ser, isto e aquilo, aqui e em outro lugar, estreito e largo, profundidade e imensidão, privado e público, íntimo e distante, eu e outro” (BACHELARD, 2008, apud ZUBOFF, 2020, p. 537).

V. 64, N. 64 (2025)
ISSN 2319-0868

Mas este lar privado e protegido, tão importante na apreensão do mundo, começa a se esfacelar a partir do desenvolvimento do que Zuboff (2020) chama de capitalismo, principalmente a partir dos *smartphones* — que possuem como finalidade ou meio a coleta de dados. Essas tecnologias influenciam o cultivo de práticas e performatividades que produzam dados a serem distribuídos, o que vai desde o impacto de uma publicidade entregue sob medida. a partir de um algoritmo personalizado, até obtenção de dispositivos de vigília 24h por dia, como câmeras de segurança.

Elaboro mais à respeito do impacto do capitalismo de vigilância nas performatividades na habitação do tópico a seguir.

1. A HABITAÇÃO TECNOLÓGICA

A partir da expressão habitação tecnológica, é possível compreender que esta é uma habitação totalmente automatizada, habitada por robôs e diversas tecnologias sofisticadas, como já demonstraram filmes como *Her* (2013) e *Blade Runner* (1982). Mas, quando nos aproximamos de uma habitação comum de um brasileiro que habita uma cidade metropolitana, percebemos a tecnologia nos pequenos detalhes, o que demonstra que lidamos tão naturalmente com a tecnologia no cotidiano que até esquecemos de suas características. Esses detalhes podem ser exemplificados desde a presença das máquinas de lavar roupa, equipamento tão importante que reduziu a carga de trabalho não remunerado exercido pelas mulheres, até a utilização de lâmpadas inteligentes, controladas por controle remoto ou aparelho celular.

Para falar sobre essa habitação tecnológica que se constrói no contemporâneo, é preciso compreender que o espaço urbano está, cada vez mais, estruturado por unidades de *bytes*, além dos materiais tradicionais de construção (CORDEIRO, 2020). Esses dados digitais são integrados nas várias camadas da cidade e formam um fluxo contínuo de informações que permeia o ambiente urbano. Essas informações, em constante movimento, podem ser visualizadas em várias escalas, desde em grandes telas nas fachadas de edifícios até em telas individuais de telefones celulares, onde se difunde essa digitalização do cotidiano,

V. 64, N. 64 (2025)
ISSN 2319-0868

mesmo onde não chega a tecnologia que se concentra nos centros financeiros da cidade.

Segundo Virilio (2014), a casa possui três tipos de abertura. Em primeiro lugar, a porta, a abertura que torna possível a casa ser ocupada. Em segundo, as janelas, que surgem a partir da disseminação da tipologia da casa burguesa. Em terceiro, está a televisão, um tipo de abertura que não se abre para o vizinho, mas sim para além do "horizonte perceptivo" (VIRÍLIO, 2014, p.74). Com isso, a casa se transforma em uma casa de imprensa, um espaço onde a informação se acumula e rivaliza com as atividades do cotidiano, ou seja, a dimensão da informação se torna dominante e desafia diretamente as dimensões tradicionais do espaço doméstico. Virilio, ao citar a televisão como abertura da casa, diz de uma abertura para o acesso à informação e ao mundo exterior, mas de uma maneira passiva. É possível adicionar à crítica dele que a entrada da internet no espaço da habitação poderia ser a verdadeira terceira abertura, onde não mais se é espectador e sim participante ativo dessa troca de informações.

Essa dimensão da informação que domina o espaço urbano, assim como o espaço da habitação, provoca o que Virilio chama de povoação do tempo. A partir dessa ideia, compreendo que o espaço perde importância quando comparado ao tempo, pois o espaço virtual não possui dimensões físicas e sim temporais. Os espaços virtuais passam a anteceder, em importância, a arquitetura, e um exemplo disso é o surgimento de tipos de trabalho que se organizam unicamente a partir dos dados, como sugere Virilio (2014, p.69) no trecho:

> O novo "escritório" não é mais o cômodo à parte, este apartado arquitetural, tendo se tornado uma simples tela. O espaço reservado ao trabalho e ao estudo no apartamento burguês passou a ser o terminal de um "escritório-visor" em que aparecem e desaparecem instantaneamente os dados de uma teleinformação na qual as três dimensões do espaço construído são transferidas às duas dimensões de uma tela ou, antes, de uma interface que não somente substitui o volume do antigo cômodo, com sua mobília, sua arrumação, seus documentos e plano de trabalho, mas que economiza também o deslocamento mais ou menos distante de seu ocupante. Esta transformação da qual o confinamento inercial do novo escritório tornou-se o polo de

REVISTA DA FUNDARTE

V. 64, N. 64 (2025)
ISSN 2319-0868

> gravidade, centro nodal de nossa sociedade (tecnoburocrática), explica, se necessário, o atual remanejamento "pós-industrial".

Com isso, vemos que uma das maiores transformações do espaço da habitação se faz na virtualização do espaço que, na medida em que adentram nele as tecnologias, este passa a ser também espaço de trabalho. Nesses casos, a casa tecnológica se especifica como uma casa tecnológica em função do trabalho: não é somente a casa tecnológica para acessar a informação, ou para entretenimento, ou para um benefício diante dos afazeres domésticos. É isso também, mas é sobretudo um lugar de produção, que se baseia nas tecnologias conectadas à internet para operar.

Ao buscar em uma das maiores redes sociais da atualidade, o Instagram, *tags* como *#homeoffice*, *#workstation* e *#deskgoals* — expressões que podem ser traduzidas por escritório em casa, estação de trabalho e mesa dos sonhos — o que encontramos é uma infinidade de imagens que demonstram a quantidade de telas que uma simples estação de trabalho em casa pode comportar (ver figura 01).

Figura 01 – Imagens encontradas a partir de buscas no Instagram com as palavras-chave #homeoffice, #workstation e #deskgoals



Fonte: @thelitesetup, 2023; @setuptic, 2023.

REVISTA DA FUNDARTE

V. 64, N. 64 (2025)
ISSN 2319-0868

Constatar essa infinidade de imagens também nos mostra como a transformação do espaço, no sentido de sua tecnologização, se guia pelas imagens produzidas e consumidas no espaço virtual: é através da própria tecnologia que os sujeitos tecnologizam seus espaços. A produção e o consumo de imagens se tornaram parte intrínseca da vida cotidiana na sociedade contemporânea, com isso, as atividades do dia a dia, como o trabalho, a comunicação com a família, a interação sociocultural, o engajamento político, e até a expressão de emoções, são fortemente influenciadas pela tecnologia digital, mediadas principalmente pelas redes sociais (PRATA, 2016). Segundo Prata, ao habitarmos espaços *cíbridos* — neologismo cunhado por Beiguelman unindo as palavras híbrido e ciber — vivemos diante da possibilidade de entrar na paisagem.

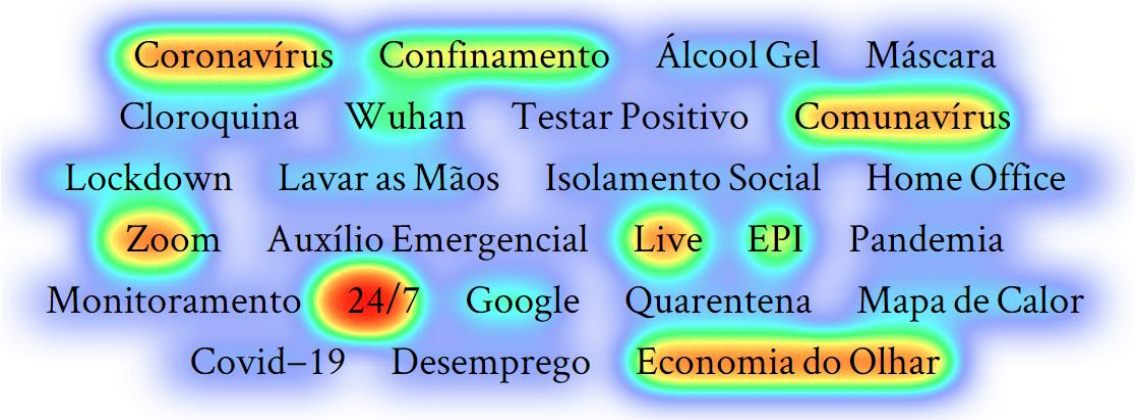
Habitar um espaço *cíbrido* é enfrentar a sobreposição cada vez maior do virtual sobre o físico, é enfrentar as normas predefinidas deste programa virtual (BEIGUELMAN, 2011) e enfrentar, também, novos microfenômenos na vida cotidiana. Esse espaço *cíbrido* não pode ser considerado sem o que foi colocado a respeito do capitalismo de vigilância (ZUBOFF, 2020), pois deriva dessas transformações do capitalismo. Além do espaço físico estar em processo de se amalgamar com o espaço virtual, o habitante e usuário desse espaço também está em processo de transformação. Segundo Crary (2016, p. 113), estamos diante de uma "[...] hiperexpansão da lógica do espetáculo, [na qual] ocorre uma remontagem do eu que resulta em um novo híbrido de consumidor e objeto de consumo.".

Para explicitar como relaciono a pandemia com a aceleração da ocupação dessa casa tecnológica, utilizo a obra *Coronário* (figura 02), obra digital de Giselle Beiguelman, que demonstra quais eram as palavras mais pesquisadas no Google no Brasil durante o período de isolamento social da pandemia:

]

V. 64, N. 64 (2025)
ISSN 2319-0868

Figura 02 – Coronário



Fonte: Coronário, 2020[1].

Na imagem, vemos que expressões como *Zoom*, 24/7 e Economia do olhar demonstram uma preocupação nova e comum a muitas pessoas sobre um novo modo de performar. Esses novos vocabulários apontam não somente para o fato de que a vigilância está em alta — onde o que importa é roubar a atenção dos sujeitos através de uma economia do olhar —, mas também que o trabalho 24h por dia, durante os sete dias da semana faz parte dessa equação, o que fica evidente com as expressões *home office* e 24/7. Nesse sentido, o Coronário mostra modificações no cotidiano nos menores detalhes, desde ao trazer o trabalho para dentro da habitação de muitas pessoas, até criar nesse cotidiano novos gestos, como lavar as mãos logo ao entrar.

As transformações no cotidiano dentro da habitação, que aqui considero a partir da pandemia e do desenvolvimento do capitalismo de vigilância, levam à reinvenção do sujeito e da própria habitação. Esse sujeito é mais sedentário a cada dia: não precisa sair de casa para se comunicar e receber bens de consumo. O aumento do sedentarismo já era uma situação esperada por Mumford (1998), que defende, citando Sauer (1952), que é uma tendência humana fixar-se e armazenar. E, se a casa contemporânea pode fornecer segurança e mantimentos sem nenhum deslocamento, então essa casa pode prevalecer, suspendendo a necessidade de uma cidade física. Nesse sentido, é possível afirmar que o

[1] Disponível em: <https://coronario.ims.com.br/> Acesso em: 15 out. 2022.

V. 64, N. 64 (2025)
ISSN 2319-0868

surgimento da internet encerra uma série de encontros que antes dependiam da fisicalidade para acontecer, assim como a chegada da água encanada (MITCHELL, 2002). Esse corpo que precisava se deslocar para o trabalho, para o mercado, para a farmácia, além de para os encontros sociais, dá um passo maior em direção ao sedentarismo na medida em que surgem dispositivos como *home office*, *delivery* e plataformas de videochamada para reuniões e encontros, dispositivos esses que tiveram seu uso intensificado com a pandemia.

A partir disso é possível interpretar que a desmaterialização e desmobilização (MITCHELL, 2002) desenham a possibilidade do início do fim das cidades. A possibilidade dos encontros virtuais proporcionados pelas tecnologias digitais de comunicação substitui a importância do encontro físico e real (VIRILIO, 2014). Virilio, ao criar a expressão net-cidade, defende que o surgimento da internet afeta tanto a relação entre indivíduos, quanto a noção de cidade e cidadania. A net-cidade é uma cidade desprovida de fisicalidade e de extensão territorial, se sustentando apenas no presente. Além disso, a dicotomia entre cidade/campo e centro/periferia também se perdem, na medida em que o território tende a não importar mais (VIRILIO, 2014): estamos agora circulando um espaço virtual sem fronteiras.

2. A INFORMAÇÃO COMO PRIMÓRDIO

Nessa transformação do capitalismo, que inclui a transformação da própria habitação, um elemento se torna fundamental no contemporâneo: as tecnologias de informação, integrantes do modo de produção do capital. Segundo Hilbert (2013 apud ZUBOFF, 2020), as tecnologias de informação já se disseminaram mais facilmente que a eletricidade pelo planeta, acessando três dos sete bilhões de habitantes do mundo. Entranhadas na vida cotidiana, estas tecnologias estão presentes no trabalho, no lazer e nas relações, como as mídias sociais, traçando um nó entre privado e público, assim como entre real e virtual. O que se pode afirmar, desde já, é que as mais novas estratégias de funcionamento do

REVISTA DA FUNDARTE

V. 64, N. 64 (2025)
ISSN 2319-0868

capitalismo se baseiam na capilarização do uso dessas tecnologias de informação baseando-se na coleta e distribuição de dados (ZUBOFF, 2020).

Para Preciado (2020), é com o surgimento das mídias pornográficas — mais especificamente a maior delas, a revista *Playboy* — que a vigilância transforma a habitação. Preciado, no seu doutorado em teoria de arquitetura na Universidade de Princeton, transforma a *Playboy* em laboratório crítico para explorar a relação entre corpo e casa durante a guerra fria, em que a pornografia exerce função de publicizar o privado e espetacularizar a domesticidade.

> A *Playboy* havia conseguido inventar o que Hugh Hefner denominava uma *disneylândia para adultos*. O próprio Hefner era o arquiteto-pop dessa follie erótica multimídia. De algum modo, ele havia entendido que, para cultivar uma alma, era preciso projetar um hábitat: criar um espaço, propor um conjunto de práticas capazes de funcionar como hábitos do corpo. Transformar o homem heterossexual estadunidense em playboy supunha inventar um topos erótico alternativo à casa familiar suburbana, espaço heterossexual dominante proposto pela cultura estadunidense do pós-guerra. (PRECIADO, 2020, p. 15).

Esse espaço, inventado pela revista e proposto aos seus leitores a partir de uma reportagem publicada na revista em 1959, se define por ser a nova habitação do homem divorciado: uma cobertura tecnológica e automatizada, em que o trabalho doméstico é exercido pelas máquinas e os espaços de convívio e descanso são transformados em palcos para a prática sexual. As transparências propostas para este espaço desvelam o que antes estava velado. A primeira vez que o termo C*asa Playboy* é utilizado na revista, se refere à reportagem sobre Harold Chaskin, amigo de Hefner, onde o centro da casa é uma piscina na sala dotada de paredes transparentes. Quem está na sala pode observar, sem se molhar, o que acontece na piscina, assim como os leitores da revista observam, sem se molhar e sem serem vistos, a nudez exposta na Playboy.

Para Giedion (2004 apud PRECIADO, 2020), a expansão de uma arquitetura playboy — tendência que se conhecia como *international style* — estava relacionada a sintomas de cansaço, superficialidade, escapismo e

V. 64, N. 64 (2025)
ISSN 2319-0868

indecisão, causados pelo fim da segunda guerra mundial. Essa tendência dependia especialmente da expansão da exibição pública da sexualidade, isto é, da pornografia. O espaço superexposto da arquitetura playboy não tem uma identidade física estável — é desmaterializada — segundo Preciado (2020), porque é reconfigurada constantemente pela informação, pelas tecnologias de vigilância e de comunicação:

> O processo de "superexposição" atravessa assim a casa e a constitui: o espaço interno da Mansão se enche de câmeras e telas eletrônicas que ou bem transformam seu hábitat em dígito e informação transmissível ou bem fazer fluir em seu interior informação decodificada em forma de imagem. [...] é esta superexposição que erode as formas clássicas de domesticidade não só no caso da mansão como também da casa suburbana, que, apesar de se apresentar como contra modelo e antagonista ideológico, não é senão uma de suas cópias invertidas e um receptor midiático periférico. A condição superexposta da mansão alcança também o corpo e a sexualidade, que são deste modo "des-domesticados" e publicitados. O corpo e a sexualidade, produzidos e representados pelas tecnologias visuais da comunicação, se veem também convertidos em dígito, ao mesmo tempo informação, valor e número. (PRECIADO, 2020, p. 204 e 205).

No trecho acima, Preciado afirma que a casa suburbana não está fora deste novo modo de habitar, mesmo estando fora do centro comercial e tecnológico de uma metrópole. É, portanto, um receptor midiático periférico. O modelo de vigilância que se desenvolve no apartamento de luxo dos centros urbanos, alcança, pouco a pouco, as casas suburbanas. E, assim, consideramos deixar de destacar a heterogeneidade da casa brasileira: apesar das diferentes configurações, em maior ou menor grau as habitações são atravessadas pelas tecnologias próprias do capitalismo de vigilância.

Os mesmos sentimentos de escapismo e cansaço, definidos por Giedion, após a Segunda Guerra, podem ser encontrados ao fim de outro período histórico, o fim da pandemia de Covid-19 que atravessamos de 2020 a 2022. Nesse período, o isolamento, o medo e o luto coletivo exigiram das pessoas o enfrentamento de

V. 64, N. 64 (2025)
ISSN 2319-0868

batalhas inéditas, como a conciliação de uma ameaça à vida, que foi o coronavírus, com as tarefas do cotidiano. Mas, diferentemente da mídia impressa das décadas de 50 e 60 que possuía limites físicos de alcance para fornecer conteúdo a ser consumido diante desse escapismo e cansaço do pós-guerra, o que pode ser observado no caso da pandemia foi que a mídia digital, presente durante o isolamento na pandemia, se fortaleceu e se intensificou quando grande parte da interação social presencial, sobretudo para a classe média urbana, estava suspensa. Enquanto a *Playboy* havia sido o veículo distribuidor dos novos signos, hoje, vemos que a internet permite que o usuário ser o arquiteto, o fotógrafo e o transmissor de seu próprio espetáculo doméstico.

Os dispositivos tecnológicos que adentram a habitação fotografam, filmam, gravam, postam, replicam e fazem outras infinidades de tarefas que expõem a vida privada, não sem dar ao indivíduo a sensação de controle: tudo o que se expõe está na palma da mão e pode ser filtrado. Segundo Crary (2016), que utiliza o termo capitalismo tardio, expor-se é uma característica que constitui o indivíduo, mas espera-se que essa exposição esteja protegida por uma vida coletiva, o que não ocorre neste regime de informação. O sujeito submisso do capitalismo de vigilância supõe ser livre, autêntico e criativo (HAN, 2022) na medida em que usufrui das tecnologias de informação para ter um mundo personalizado, o que não se faz sem a coleta de seus dados. A comunicação promovida pela conexão é o que traz a falsa sensação de um mundo livre, enquanto a vigilância adentra os espaços na forma de conveniência, como sugere Han (2022. p. 8):

> O regime de informação se garante sem uma coação disciplinar. Às pessoas não são impostas uma visibilidade panóptica. Ao contrário, desnudam-se sem qualquer coação externa por necessidade interior. Produzem-se, ou seja, se põem em cena. Em francês, *se produire* significa deixar-se ver. No regime de informação, as pessoas se empenham por si mesmas à visibilidade, enquanto no regime disciplinar isto lhes é imposto. Metem-se voluntariamente no foco de luz, até mesmo desejam isso, enquanto os reclusos do panóptico disciplinar procuram sair dele.

V. 64, N. 64 (2025)
ISSN 2319-0868

3. A HABITAÇÃO E O CORPO

Para chegar na relação entre o corpo e a casa, primeiramente é preciso considerar a cidade como um dispositivo (FOUCAULT, 1982), já que entendemos a cidade como uma rede composta por linhas de força, linhas de fuga, linhas de subjetivação, e tantas outras linhas mais quanto se puder mapear, que distribuem e formam os espaços por onde circulamos. Nesse dispositivo, o espaço da habitação faz parte de seu emaranhado: é um espaço que existe sendo também atravessado pelas linhas que compõem a cidade. Essa rede, maior que a habitação em si, atravessa-a e a transforma em diferentes aspectos. Nesse sentido, questionamos: o que acontece quando o trabalho — como uma linha de força do sistema econômico em que estamos inseridos — atravessa essa habitação? Deste encontro, quais formas emergem?

Podemos responder a esta pergunta trazendo a disseminação do uso das tecnologias digitais para o centro. Quando o trabalho adentra a habitação, exige desse espaço uma grande conexão com o mundo externo, conexão essa virtual. Além disso, com a presença dessa linha de força no espaço da habitação, as distâncias dos corpos aumentam, ao exercerem uma atividade tão extensa como o trabalho neste espaço virtual. Diferentemente dos corpos que frequentam as ruas e praças, esses corpos transitam pela net-cidade e a implicação disso é uma falta de responsabilidade pelo território físico da cidade, reduzindo a consciência política da população (VIRILIO, 2014).

Aqui, se faz importante entender que esta linha de força adentra as habitações, pouco a pouco, na medida em que as empresas vão sendo virtualizadas. O cotidiano que antes era um, dependente de conexões físicas com a cidade e os cidadãos, se torna outro ao participar de uma rede de encontros online. A metrópole vai se aproximando do pequeno vilarejo, uma vez que toda informação necessária para fazer girar o sistema econômico é trazida pelas redes 5G e Wi-Fi, penetrável em qualquer lugar conectado. Portanto, mesmo dentro de um pequeno vilarejo, se conectado, é possível acessar outros mundos. Essas redes, participantes da exibição pública da intimidade, modificam os gestos do sujeito. Ao enquadrar, fotografar e filmar o cotidiano, o sujeito se torna arquiteto e

REVISTA DA FUNDARTE

V. 64, N. 64 (2025)
ISSN 2319-0868

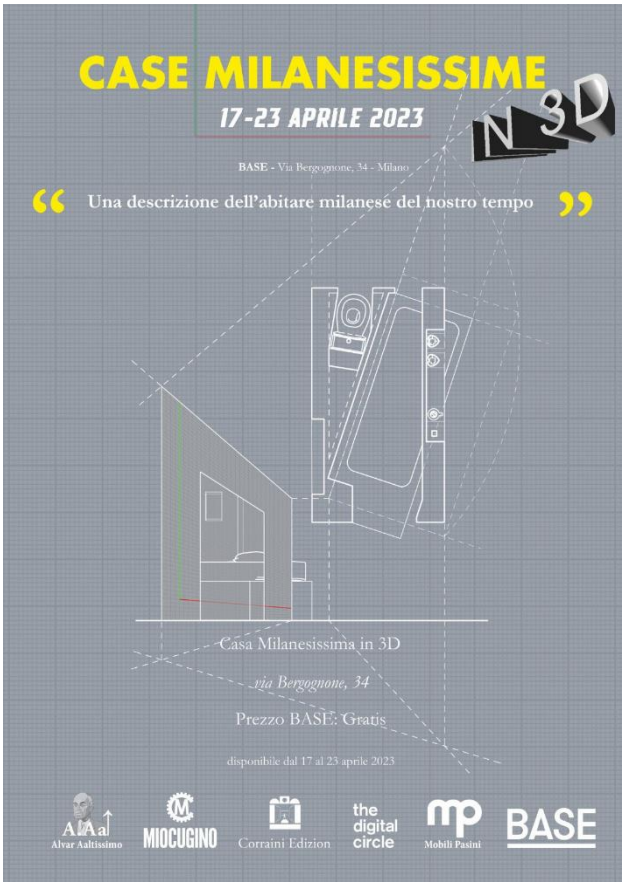
diretor fotográfico de sua própria realidade. Performa para as câmeras porque assim deseja e, a partir do recorte fotográfico de sua realidade, percebe o mundo de uma outra maneira.

Esses corpos habitantes de uma net-cidade, distante materialmente uns dos outros, criam estratégias de encontro, de trabalho e de entretenimento dentro da habitação. Os gestos do cotidiano se adequam a uma nova escala: a escala em que a casa é também um universo inteiro onde se pode fazer tudo sem sair dela. O caminhar já não exige muito do corpo físico: não se caminha até o trabalho ou até o transporte público, no máximo entre cômodos. O trabalho se encontra com outras tarefas: para ter o ambiente de trabalho organizado é preciso organizar a casa ou o cômodo onde o trabalho se concentra. As pausas no trabalho já não oferecem mais encontro e sim, um breve momento de desconexão. O entretenimento já não tem mais tanta corporeidade: o sujeito se anestesia e se anula fisicamente diante de telas.

Para exemplificar essa nova escala, apresento o trabalho Casa Milanesissime, desenvolvido pelos artistas Alvar Aaltissimo e Miocugino, exposto na Semana de Design de Milão em 2023. Essa obra, nomeada *A utopia imobiliária de uma Casa Milanesissime torna-se habitável*, aponta criticamente para o modo de produzir habitações contemporâneas na cidade de Milão, na Itália, quando demonstra possíveis casas milanesas e seus tamanhos ínfimos. Os artistas desenvolvem uma série de casas impressas em 3D, além de construir em escala humana um dos tipos por eles criados. No banner de divulgação da obra (figura 03) está escrito ”Uma descrição do habitar milanese de nosso tempo”.

V. 64, N. 64 (2025)
ISSN 2319-0868

Figura 03 - Cartaz de publicidade de exposição Casa Milanesissime in 3D



Fonte: Lamia Finanza, 2023[2].

A obra desenvolvida em escala humana (figuras 04 e 05), demonstrada também em planta e vista (figura 08) é uma micro casa, que não chega a atender as funções mais elementares de um ser humano: vemos espaço para dormir e para fazer as necessidades fisiológicas — não há lugar para comer, cozinhar ou sequer se banhar. Essa obra se apresenta quase como um hiper-realismo, onde toda área é útil e, mais que isso, a área mais larga da micro casa é a área onde se encontra um notebook, área que pode representar o trabalho dentro dessa habitação.

[2] Disponível em <https://www.lamiafinanza.it/2023/04/alvar-aaltissimo-e-miocugino-alla-milano-design-week-2023/> Acesso em: 29 set. 2023.

V. 64, N. 64 (2025)
ISSN 2319-0868

Figura 04 - Maquete 1:1 por Alvar Aaltissimo e Miocugino na Milan Design Week 2023



Fonte: Acervo pessoal, 2023.

É possível perceber que este espaço é feito para uma só pessoa e não permite sequer que se ande: todo espaço útil é ocupado por mobiliário, seja a cama, seja o computador, seja a bacia sanitária. O teto, em diagonal, também comunica um utilitarismo, na medida em que o único espaço onde se pode ficar de pé é o espaço em que ficar de pé é necessário: a frente da bacia sanitária. Percebemos, ainda, que o lavatório se encontra acima da bacia, tornando seu acesso possível apenas se subimos na bacia sanitária.

O mais surpreendente desta obra é que, embora não tenha lugar para cozinhar, comer ou se banhar, há lugar para trabalhar, onde se acomoda um notebook e uma luminária com cúpula, contrastando com a que ofusca acima da bacia sanitária, como se ali, no espaço que se confunde trabalho e dormitório, fosse necessário uma luminosidade direcionada ao trabalho. Vemos, assim, a sobreposição da tecnologia na habitação — onde se dorme, se conecta ao

REVISTA DA FUNDARTE

V. 64, N. 64 (2025)
ISSN 2319-0868

trabalho —, mas vemos também a exclusão de espaços básicos de sobrevivência — o cozinhar e o comer — em favor dessa entrada tecnológica na habitação.

Figura 05 - Maquete 1:1 por Alvar Aaltissimo e Miocugino na Milan Design Week 2023



Fonte: Acervo pessoal, 2023.

Esse trabalho, se apresenta, portanto, como uma crítica, tanto ao mercado imobiliário, quanto à adequação desse corpo milanese a essa nova realidade. Mas isso não se reduz ao corpo milanese, já que localizamos essa modificação da escala do espaço e dos próprios gestos como características que surgem com o capitalismo de vigilância. Nisso, a vida se reduz a existir e produzir, o que demonstra a desmobilização e desmaterialização da vida cotidiana, adiantado por Mitchell (2002).

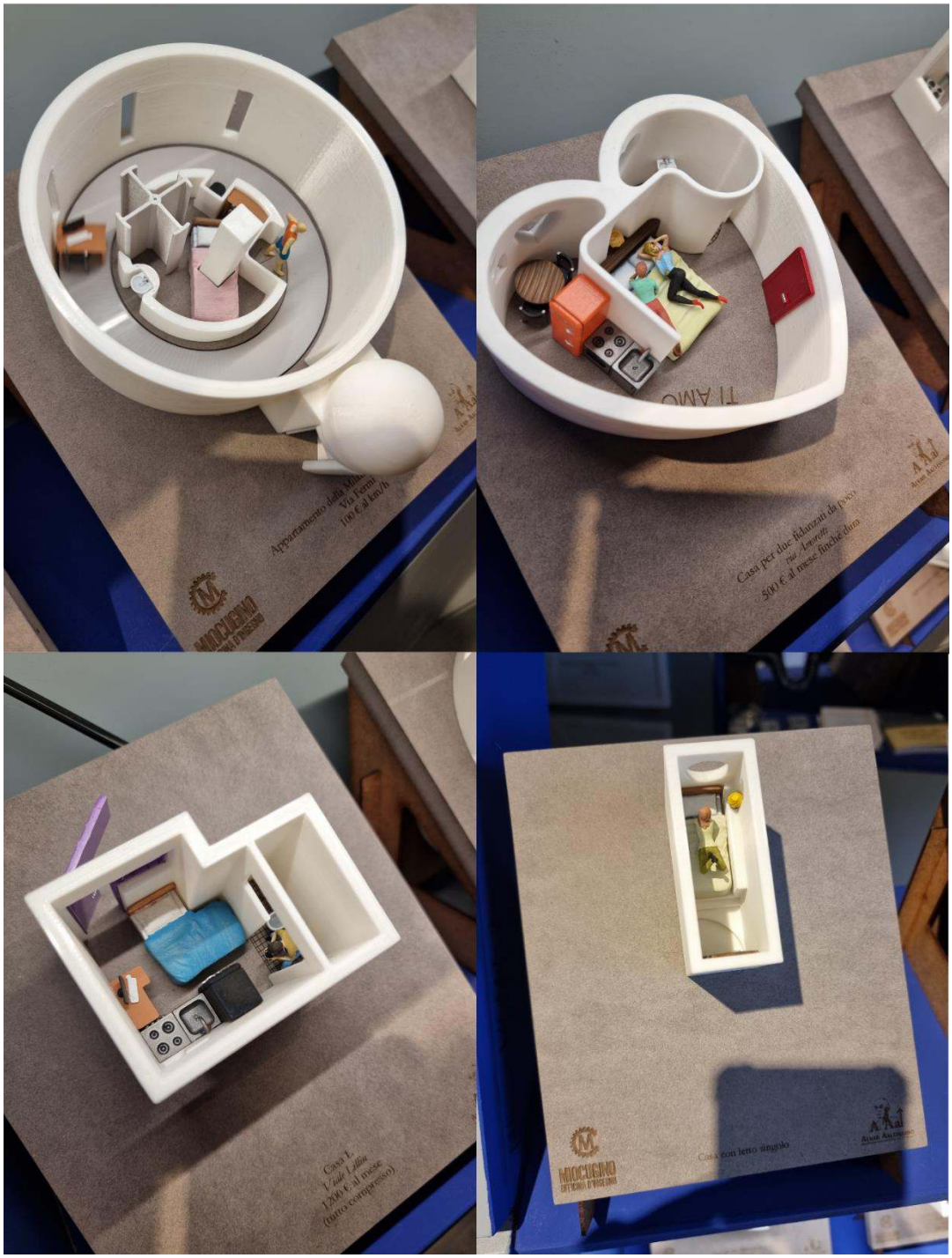
O que se vê em escala real também se reflete nas obras que se apresentam como impressões 3D (figura 06), na qual vemos a representação de um espaço reduzido em um tamanho também reduzido, e por um momento parece lembrar algo entre um mostruário ou uma espécie de brinquedo. Nesse sentido, podemos

REVISTA DA FUNDARTE

V. 64, N. 64 (2025)
ISSN 2319-0868

notar uma sátira pela qual se retrata esses micro espaços das habitações contemporâneas.

Figura 06 - Impressões 3D por Alvar Aaltissimo e Miocugino na Milan Design Week 2023



Fonte: Acervo pessoal, 2023.

REVISTA DA FUNDARTE

V. 64, N. 64 (2025)
ISSN 2319-0868

Numa das impressões, se habita uma casa circular com o que parece ser uma pista de corrida, onde aparece na legenda “100 euros por km/h”, demonstrando um custo atrelado à velocidade de uso da casa-pista. Em outra impressão, a casa de um casal se apresenta na forma de um coração com cozinha, banheiro e quarto e quase não há espaço para utilizar a mesa de jantar. Na terceira impressão, há somente uma cama, sequer há outro mobiliário, onde deitado sobre a cama numa casa tão justa, o sujeito parece que terá de sair de costas. Na última impressão trazida aqui, dentre tantas outras, a estação de trabalho está em continuidade com o próprio fogão e a cama se adequa à forma do espaço. O sujeito que ocupa esta habitação está sentado na bacia sanitária, conectado ao celular.

Após analisar esse trabalho de Aalvar Altissimo e Miocugino, percebe-se que a habitação, reconfigurada pela informação, pelas tecnologias de vigilância e pelos custos de se habitar uma cidade metropolitana como Milão, modifica os gestos do cotidiano, que se adequam a uma nova escala. O desenvolvimento de mobiliários híbridos, que servem a múltiplas funções, surge para contemplar não somente a necessidade de otimização do tempo, mas também para caber nos novos empreendimentos, que são lançados com menos área por habitante na tentativa de otimizar o capital. Um estúdio de 20m² pode abarcar tantas funções quanto uma casa com três quartos, sala, cozinha e lavanderia. Nesse sentido, ocorre outra mudança: os gestos do cotidiano já não se definem pelo espaço, e sim pelo tempo (VIRILIO, 2014), em que na mesma mesa que se come, se trabalha, então trabalho doméstico e trabalho remunerado coincidem no mesmo mobiliário, com diferença temporal, o importante é a utilidade do mobiliário. Surge a necessidade deste novo espaço na casa: a estação de trabalho, enquanto outras áreas se reduzem ao mínimo necessário, como a lavanderia que agora pode depender apenas de uma máquina lava-e-seca para existir, abandonando equipamentos como tanque e varal.

Com essa obra é possível observar uma outra relação entre arte e habitação contemporânea — dessa vez, na própria retratação da habitação de

V. 64, N. 64 (2025)
ISSN 2319-0868

maneira artística. Se partimos da arte como experiência da habitação no cotidiano, questionamos: qual o lugar do artístico, da estética da existência, da inventividade e da criatividade na habitação contemporânea, experiência que a tecnologia parece estar anestesiando? Até aqui, busquei destacar as modificações na habitação contemporânea e no corpo contemporâneo, levando em consideração o impacto da pandemia de Covid-19 e de uma aceleração do capitalismo de vigilância nessa equação. A fim de concluir este estudo, apresento a seguir a arte como experiência e os gestos como movimentos críticos a uma realidade, a partir do tema das performatividades quando mediadas por vigilância.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

É importante relembrar que escrevo sobre um corpo que habita a cidade conectada, que se afeta pelo surgimento desses novos dispositivos e tem a possibilidade de usufruir deles. E falar deste corpo, desta maneira, é assumi-lo como uma direção, sem esquecer daqueles que ainda não têm acesso às mais recentes tecnologias digitais e por isso ainda se deslocam diariamente para trabalhar, para fazer compras e para se reunir com outras pessoas.

Em primeiro lugar, na medida em que as tecnologias de segurança do lar avançam, com elas avançam a vigilância: câmeras conectadas a redes móveis que podem ser acessadas a qualquer hora e qualquer lugar fragilizam a privacidade de um espaço que antes era inacessível aos olhos externos. Como efeito disso, essa imagem capturada para vigilância que circula nas redes pode ser interceptada, acessada por outros e até mesmo vendida. Já se veem casos de casas de aluguel com câmeras escondidas que se utilizam das imagens roubadas de seus hóspedes para venda no mercado pornográfico.

Os sistemas de vigilância por vídeo e áudio fazem mais do que prometem: se prometem proteger uma habitação de arrombamentos e furtos, inauguram uma série de relações interpessoais mediadas pela vigilância, como por exemplo as habitações que possuem câmeras para vigiar seus funcionários, as movimentações das crianças e até mesmo dos animais. A presença das câmeras

REVISTA DA FUNDARTE

V. 64, N. 64 (2025)
ISSN 2319-0868

nestes espaços rompe com uma das principais premissas de um lar, que é ser um ambiente íntimo e reservado.

Em segundo lugar, a habitação é transformada em mais um espaço de consumo, onde não só acessamos as redes que coletam e distribuem nossos dados para fins comerciais, mas também já não é mais necessário sair dela para consumir. A um clique, consome-se comida, itens de saúde, itens de beleza e vestuário, mobiliário, projetos de arquitetura, entre outros. Segundo Crary (2016), o consumo adentrado em todos os momentos da vida, exceto o sono, é uma característica do que ele chama de capitalismo tardio. Crary defende que o sono é a única barreira atualmente intransponível para o sistema econômico em questão: não é possível, ainda, consumir, tampouco vender durante o sono.

Em terceiro lugar, as relações sociais no espaço da habitação já não se dão da mesma maneira: a vigilância transforma as dinâmicas sociais e inibe a liberdade de expressão antes existente na privacidade. A entrada das redes sociais no cotidiano de muitas pessoas transforma a casa também em palco de espetáculo: divulgamos em texto e imagem o que comemos, o que vestimos, como trabalhamos, o que escolhemos para entretenimento, entre outros compartilhamentos da vida íntima: tudo isto como um plano de status e de felicidade padronizada, uma representação do senso comum.

Com esse panorama da vigilância que adentra a habitação, questiono: como ficam os gestos, as performatividades, diante de tamanha exposição? Se antes a performatividade era uma expressão dos corpos em seus meios, a partir da disseminação da informação, essa performatividade pode alcançar o mundo inteiro, encontrando ressonâncias e dissonâncias em realidades distantes e inimagináveis.

A banalidade das câmeras nos telefones celulares, ou smartphones, não pode ser desconsiderada nessa equação em que se produz e consome a partir de dispositivos conectados. Segundo Pink e Hjorth (2012), essa ferramenta se tornou parte do cotidiano e é utilizada na medida em que percebemos e experienciamos o espaço, não somente produzindo um vocabulário visual, mas também responsável pelas narrativas cotidianas compartilhadas em formato de blogue e pelo uso de serviços baseados em localização. No cotidiano, esses aparelhos portáteis e

V. 64, N. 64 (2025)
ISSN 2319-0868

conectados já são responsáveis por novas maneiras de produzir e consumir — de entretenimento a serviços online. Produzem — ao recortar a realidade através da fotografia — arquiteturas invisíveis, expressão cunhada por Pink e Hjorth (2012), isto é, espaços puramente visuais que existem dentro de certa realidade virtual. Essas lugarificações da visualidade conferem ao corpo um novo status, o de interagente corporificado (FARMAN, 2010 apud PINK; HJORTH, 2012).

Além dessa nova percepção, esse corpo também adequa seus gestos, de acordo com o novo cotidiano conectado e uma arquitetura híbrida — que se desenvolve a partir da atribuição de múltiplas tarefas em um mesmo espaço. Segundo Flusser (2014), os gestos são a forma pela qual nos comunicamos antes mesmo de começarmos a falar, e eles continuam sendo uma parte importante da comunicação humana, mesmo em uma era de comunicação digital.

Para falar de performatividades na habitação, se faz necessário primeiro entender o que são os gestos do cotidiano. Se ao acordar, ambas, Fernanda e Lívia arrumam a cama e, logo em seguida, vão ao banheiro escovar os dentes, compartilham então entre si alguns gestos do cotidiano. Apesar disso, Fernanda não usa cobertor, logo, sua performatividade na hora de arrumar a cama é diferente da de Lívia, que cobre a cama religiosamente com três camadas. Assim que seguem ao banheiro, Fernanda passa por um corredor de piso frio, enquanto Lívia passa pelo seu piso de taco. O encontro com o piso frio e os pés de Fernanda a incomodam e a resfriam, fazendo com que ela decida escovar os dentes com água quente. Assim como teorizou Rolnik (2006), Fernanda, Lívia e tantos outros sujeitos são atravessados por uma multiplicidade de forças, relações e histórias que os encaminham para determinada performatividade na habitação.

Nesse sentido, as performatividades que se constroem na cultura global do regime de informação apontam para movimentos menores, gestos adequados à escala da habitação, a partir da linha de força do trabalho que se encontra muito mais presente neste espaço hoje do que um dia antes esteve. Um bom exemplo dessa adequação de escala é a nova estética de dança que aparece no aplicativo Tiktok, um dos maiores aplicativos de interação social da atualidade, no qual os usuários postam vídeos seus dançando e esta dança precisa caber no espaço de uma tela de celular. Ou seja, os movimentos são reduzidos e o corpo ocupa agora

V. 64, N. 64 (2025)
ISSN 2319-0868

apenas um lugar no espaço para dançar, utilizando-se de microgestos para se expressar.

Adequações como esta ocorrem em vários momentos do cotidiano: desde o preparo alimentar que não depende mais das idas ao mercado para acontecer, até o entretenimento baseado em telas que não solicita o movimento do corpo, tampouco interações sociais. É em função de uma reorganização do tempo, sobretudo voltado ao trabalho remunerado, que programamos dispositivos eletrônicos e eletrodomésticos para trabalharem para nós em outras tarefas não remuneradas, como lavar roupas, lavar louças, cozinhar, fazer o café, entre outras atividades.

A presença tamanha da tecnologia em nossas vidas fez Haraway, Kunzru e Tadeu (2009) cunharem o termo ciborgue para designar esse corpo humano que se confunde com um corpo tecnológico, porque acontece, ao mesmo tempo, a mecanização do humano e a subjetivação da máquina. Não necessariamente, esse corpo ciborgue está acoplado a um dispositivo tecnológico, mas sim, utiliza-se de tecnologias não humanas para melhorar sua performance na vida,

Referências:

BEIGUELMAN, Giselle; La Ferla, Jorge. **Nomadismos tecnológicos**. São Paulo: Senac, 2011.

CORDEIRO, Artur Vasconcelos. **Mídia arquitetura e modos de participar**: camadas informacionais e interfaces de engajamento no espaço público. São Paulo, 2020.

CRARY, Jonathan. **24/7:** Capitalismo tardio e os fins do sono. São Paulo: Ubu Editora, 2016.

FLUSSER, Vilém. **Gestos**. São Paulo: Annablume, 2014.

FOUCAULT, Michel. Sobre a história da sexualidade. In: Roberto Machado (org.). **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1982.

REVISTA DA FUNDARTE

V. 64, N. 64 (2025)
ISSN 2319-0868

HAN, Byung-Chul. **Infocracia:** digitalização e a crise da democracia. Petrópolis: Editora Vozes, 2022.

MITCHELL, William j. **E-topia:** a vida urbana, mas não como a conhecemos. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2002.

MUMFORD, Lewis. **A cidade na história:** suas origens, transformações e perspectivas. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

Pink, Sarah; Hjorth, Larissa. **Emplaced Cartographies:** Reconceptualising Camera Phone Practices in an Age of Locative Media. Media International Australia, p. 145–155. Melborne: Media International Australia, 2012.

PRATA, Didiana. **Imageria e poéticas de representação da paisagem urbana nas redes.** 4 v : il. São Paulo, 2016.

PRECIADO, Paul b. Pornotopia: **PLAYBOY e a invenção da sexualidade multimídia**. São Paulo: N-1 edições, 2020.

ROLNIK, Suely. **Micropolítica:** cartografias do desejo. São Paulo: Editora Polis, 2006.

Smith, J. H; Anderson, L. K. **The Meaning of Home**: Literature Review and Directions for Future Research and Theoretical Development. Journal of Architectural and Planning Research, 32(2), 79-93, 2015.

VIRILIO, Paul. **O espaço crítico**: e as perspectivas do tempo real. 2 ed. São Paulo: Editora 34, 2014.

ZUBOFF, Shoshana. **A era do capitalismo de vigilância**: a luta por um futuro humano na nova fronteira do poder. Rio de Janeiro : Intrínseca, 2020.

Recebido em: 27/08/2024.
Aceito em: 05/09/2024.
Editor responsável: Júlia Maria Hummes.

Amanda de Oliveira Soriano
Arquiteta e Urbanista graduada pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (FAU/UFRJ), onde concluiu seu percurso com o trabalho final de graduação "Limites e Manipulações Cênicas /// a cena na rua como dispositivo no Rio de Janeiro contemporâneo", orientada por Ethel Pinheiro, em que se debruçou sobre a investigação das linhas de força que fazem da cena na rua uma cena. É mestra em Estudos Contemporâneos das Artes na Universidade Federal Fluminense

V. 64, N. 64 (2025)
ISSN 2319-0868

(PPGCA/UFF), onde pesquisou a performatividade na habitação e as novas configurações para a arquitetura, a partir da pandemia de covid-19 e do capitalismo tardio, orientada por Luciano Vinhosa. É, também, pós-graduada em design de iluminação pelo Instituto de Pós-graduação e Graduação (IPOG) e atua também como arquiteta no atelier Soriano Experimental, onde desenvolve projetos de arquitetura de interiores residenciais e comerciais com ênfase em cenografia e iluminação. Fez parte da pesquisa voltada para exposição "Educação Patrimonial - Memória do Patrimônio Arquitetônico da UFRJ", coordenada por Fabíola do Valle Zonno. Foi bolsista de Iniciação Científica (FAPERJ) no período de 2016 a 2018, desenvolvendo os projetos de pesquisa "Desenvolvimento e Aplicação de Concretos Especiais - Concreto de Ultra Alto Desempenho" e "O Concreto Translúcido: uma Inovação para a Arquitetura", como integrante o Laboratório de Ensaios em Materiais de Construção (LEMC).
ORCID: https://orcid.org/0009-0006-8921-7696
E-mail: amandasoriano@outlook.com

Creative Commons Não Comercial 4.0 Internacional de Revista da FUNDARTE está licenciado com uma Licença Creative Commons - Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 4.0 Internacional. Baseado no trabalho disponível em https://seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/RevistadaFundarte. Podem estar disponíveis autorizações adicionais às concedidas no âmbito desta licença em https://seer.fundarte.rs.gov.br/

DE OLIVEIRA SORIANO, Amanda. PERFORMATIVIDADES NA HABITAÇÃO: O CORPO E AS NOVAS CONFIGURAÇÕES PARA A ARQUITETURA. **Revista da FUNDARTE**. Montenegro, V. 64, N. 64, p. 1-25, Junho, 2025.
Disponível em: https://seer.fundarte.rs.gov.br